RUBEM BRAGA

A MINA

8/12/56

TENHO horror em fazer acusações sem provas. Não foi eu quem acusou o sr João Goulart de ter feito negócios esquisitos de pinho e política na Argentina. Duvidei dêsses negócios. Agora devo confessar que infelizmente tenho a convicção intima de que êles aconteceram. E se querem que eu diga com franqueza: aconteceram êsses e outros.

A maioria da Comissão encarregada de apurar êsses negócios fêz tudo, desde o princípio, para não apurar nada. Agora vem em sua ajuda o ministro Macedo Soares (triste papel para um homem de sua idade!) e a aconselha a não apurar.

O papel do sr. Goulart caso fôsse realmente inocente era exigir a apuração completa de tudo. Exigir do govêrno brasileiro e principalmente do govêrno argentino. Foi uma nota distribuída por uma repartição oficial do govêrno argentino que pôs a descoberto a marosca. Se o mesmo govêrno depois resolveu silenciar, a pedido ou não do govêrno brasileiro, não importa. A nota foi publicada e era uma nota oficial. Há um processo; sabe-se com precisão onde está êsse processo. Por que não o mostram, não o publicam?

Conheço pessoalmente o homem que presidiu a êsse inquérito. E' um advogado de certo relêvo, um velho lutador radical que conheci em Buenos Aires na época da primeira eleição de Peron e de quem por sinal ganhei uma aposta sôbre o resultado da eleição. Previ a vitória de Peron, impressionado especialmente (oh, tempos!) pelo apoio integral que a Igreja lhe dava. Mas o advogado Baudizzone ficou tão abatido com a vitória de Peron que eu não quis aceitar o jantar em um restaurante de luxo que êle devia pagar para mim e uma roda de amigos. Baudizzone está amplamente informado não apenas sôbre os negócios do pinho como sôbre muitos outros, e sabe da existência de uma correspondência longa e íntima entre certa personalidade (vamos fazer mistério...) brasileira e o ditador Peron. Baudizzone está, porém, proibido de falar por um juramento de honra que fêz ao atual govêrno argentino. Assim também o almirante McLean, que era o chefe geral das Comissões de Inquérito. Êsses dois homens, de indiscutível integridade, estariam, porém, prontos a prestar depoimento caso a Casa Rosada o permitisse. Por que o nosso govêrno, por que o sr. João Goulart não apela para o govêrno argentino no sentido de permitir que êles falem?

A Comissão pode encerrar o «inquérito» e encerrar-se a si mesma. Mas o sr. Jango não tenha ilusões. O assunto não está encerrado. Êle será lembrado de vez em quando; será revelado integralmente mais dia menos dia, quando houver mudança de govêrno aqui ou lá. Há um processo. Há uma pilha de cartas apreendidas. Êsses papéis que ninguém quer revelar mas também ninguém poderá destruir são uma espécie de mina subterrânea nos caminhos políticos do sr. Jango. Nem a displicência do sr. Juscelino, nem a complacência senil do sr. Macedo Soares nem a espada de ouro do general Lott, nem o dinheiro do Fundo Sindical nem nada poderá desarmar essa mina. E talvez seja um dos atuais amigos e correligionários do sr. Jango que a faça estourar um dia...

160